



POR UMA PEDAGOGIA DAS INFÂNCIAS: AS POSSIBILIDADES DE SE COMPREENDER CRIANÇAS COM TEA PELAS TELAS DO CINEMA

DIAS, Priscilla Lucena Vianna Dias¹; ZIMMERMANN, Elisete Camargo²; FONTANA, Jurema Catarina Bastos³

Palavras-Chave: Pedagogia. Infâncias. Cinema. Transtornos do Espectro Autista.

INTRODUÇÃO

[...] cresci brincando no chão, entre formigas. De uma infância livre e sem comparamentos. Eu tinha mais comunhão com as coisas do que comparação. Porque se a gente fala a partir de ser criança, a gente faz comunhão: de um orvalho e sua aranha, de uma tarde e suas garças, de um pássaro e sua árvore. Então trago das minhas raízes criancieiras a visão comungante e oblíqua das coisas. (BARROS, 2008, p. 11)

As crianças, historicamente, eram “vistas” pelos sujeitos, nos distintos espaços sociais, pelo simples ato de *ver* apenas, mas não eram “olhadas” devidamente, tampouco ouvidas. A literatura revela que ao longo dos períodos históricos, muitas crianças eram cruelmente julgadas pelos seus comportamentos considerados diferentes dos demais, e as que apresentavam condutas analisadas por grande parte da sociedade como inadequadas, eram excluídas, ignorando assim os direitos de participação em sociedade. Formosinho (2007, p. 13) elucida que a persistência de um modo de se fazer pedagogia, pautado nos alicerces tradicionais e conservadores, que não reconheciam a criança em suas diversidades, poderia não ser o mais adequado para a infância. Sendo assim, o referido autor argumenta que:

[...] a persistência de um modo de fazer pedagógico que ignora os direitos da criança a ser vista como competente e a ter espaço de participação (o modo pedagógico transmissivo ou a pedagogia transmissiva) persiste, não por falta de pensamento e propostas alternativas. De fato, a pedagogia da infância pode reclamar que tem uma herança rica e diversificada de pensar a criança como ser participante, e não como um ser em espera de participação. A persistência deve-se à regulação burocrática da escola.

¹ Neuropsicopedagoga Clínica. Especialista em Psicopedagogia. Especialista em Educação Especial Inclusiva. Mestre em Educação nas Ciências. Pedagoga, atuando como docente de anos iniciais da Rede Pública Municipal de Ijuí/RS. E-mail: priscillaviannadias@outlook.com

² Neuropsicopedagoga Clínica. Especialista em Psicopedagogia. Pedagoga, atuando como docente dos anos iniciais da Rede Pública Municipal e Estadual de Ijuí/RS. E-mail: elisetezimmermann@hotmail.com

³ Pedagoga, Especialista em Docência, Gestão e Apoio Pedagógico na Escola Básica; Especialista em Ensino pela Pesquisa e Aprendizagem por Projetos; Professora de AEE da rede Municipal de Fortaleza dos Valos e rede Estadual de Ensino. E-mail: bastosfontana@gmail.com



Não há uma única maneira de ser/estar/fazer pedagógico, mas diferentes modos de se “fazer pedagogia” nos contextos educativos e sociais e, para tal, necessita-se desconstruir a maneira tradicional e conservadora, inclusive quando falamos de crianças com TEA – Transtorno do Espectro Autista, na rede regular de ensino, uma vez que a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva contempla esta clientela. O TEA é um transtorno do neurodesenvolvimento, caracterizado por déficits na interação social, na linguagem, com interesses restritos e comportamentos estereotipados ou repetitivos.

O cinema contribui para que possamos compreender sobre a emergência de uma pedagogia das infâncias em nossa sociedade, pois a experiência de assistir filmes que narram fatos reais nos ensina sobre como é possível enxergar as crianças sob outra ótica. Não como uso instrumental e entretenimento propriamente dito, mas considerar o cinema como uma arte, uma experiência pedagógica que propicia a formação dos sujeitos e o repensar das infâncias, inclusive redimensionando concepções em relação ao TEA.

Na obra cinematográfica intitulada “Meu Filho, Meu Mundo” (1979), observa-se muito a relação de afeto entre os pais/ irmãs e Raun. A sinopse do filme narra a história do menino Raun, que ao nascer mostrou-se um bebê feliz e muito desejado pela família. No decorrer de seu desenvolvimento os pais perceberam que algo estranho estava ocorrendo e que “*Raun parecia estar sempre em seu mundo próprio; não conseguia interagir com a família*”. Decidem buscar auxílio e esclarecimentos e a partir de algumas investigações constataram que Raun era uma criança autista. Com a confirmação do diagnóstico, os pais buscam conhecer distintas instituições, mas muitas foram às decepções nos métodos e programas de intervenções utilizados na época. Assim sendo, a mãe busca da sua maneira desenvolver as suas próprias intervenções, acreditando no potencial de seu filho.

METODOLOGIA

O texto inscreve-se na perspectiva de um estudo descritivo, alicerçado sob a luz da revisão da literatura, respaldados por nossos ensaios da docência e pelas nossas experiências pedagógicas com o cinema.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

É importante salientar que, uma criança com TEA é, acima de qualquer coisa, CRIANÇA! Sendo assim, criança tem necessidades de brincar e as intervenções pedagógicas



XVIII

Seminário Internacional de Educação no MERCOSUL

II Mestrado de Tecnologias na Educação a Distância
III Mestrado de Trabalhos Científicos do PIBID
VI Curso de Práticas Socioculturais Interdisciplinares
VIII Encontro Estadual de Formação de Professores



devem respeitar a singularidade de cada sujeito, pois a infância é revestida de algo novo, original e enigmático.

Neste sentido, não há uma única maneira de fazer pedagógico, e sim uma pluralidade, pois a ação pedagógica ultrapassa os muros da escola e esta é uma maneira de SER e ESTAR no mundo, como bem narrou à personagem intitulada mãe de Raun, no filme “Meu Filho, Meu Mundo”, que para além de um diagnóstico teve um olhar sensível, afetuoso e cuidadoso, buscando estimular a criança com sua pedagogia, crenças e saberes.

O referido filme nos permite compreender que a criança é um dos atores sociais mais significativos da pedagogia da participação, onde o diálogo, interação constante, a escuta, olhares sensíveis e as negociações são elementos que fundamentam este fazer pedagógico. Quando a criança é reconhecida em suas diferenças e compreendida em sua cultura, maneira de se comunicar e interagir, proporcionando possibilidades, ela passa a ser autora de suas aprendizagens, tendo *lugar* e visibilidade em seus processos de construção de conhecimentos.

Sendo assim, a experiência de assistirmos a obra cinematográfica “Meu Filho, Meu Mundo”, bem como estudarmos e pesquisarmos sobre os Transtornos do Espectro Autista oportunizou-nos a compreensão de que antes do transtorno, existe uma criança e esta apresenta potencialidades, culturas, linguagens, saberes, identidade, além de distintas maneiras de desenvolver as suas aprendizagens. Por esta razão, destaca-se a urgência de uma pedagogia da participação nos cotidianos das escolas públicas, que oportunizem as crianças a serem também protagonistas destes processos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Faz-se necessário evidenciar que por mais que haja inúmeras carências existentes nos sistemas educacionais públicos, pode-se repensar estes contextos e a partir de uma pedagogia transformadora, possibilitar aos educandos a oportunidade de vivenciarem a verdadeira inclusão, onde o respeito às diferenças consolidarão a Educação para Todos.

Stobäus e Mosquera (2004) salientam que o pressuposto da inclusão não é o como incluir, mas sim poder reconhecer e compreender as diferenças existentes nas crianças, suas histórias de vida, pois ao reconhecer que existem as diversidades e características individuais, supõe-se que é preciso trabalhar respeitando estas, buscando realizar as possíveis adequações curriculares e desenvolvendo uma pedagogia para a infância. Contudo, considera-se ainda, que a inclusão escolar, proporciona o repensar e o reconstruir das práticas pedagógicas dos



XVIII

Seminário Internacional de Educação no MERCOSUL

II Mestrado de Tecnologias
na Educação a Distância
III Mestrado de Trabalhos
Científicos do PIBIC
VI Curso de Práticas Socioculturais
Interdisciplinares
VIII Encontro Estadual de
Formação de Professores



educadores e de suas dimensões, bem como de suas repercussões na organização curricular e nos processos avaliativos. A proposta de inclusão escolar promove melhorias na qualidade da educação, pois, para que os educandos possam ter acesso e a permanência à educação, é indispensável que as instituições aprimorem seus projetos políticos pedagógicos, para que assim, possam efetivamente atender as diferenças existentes no cotidiano social.

REFERÊNCIAS

BARROS, M. *Memórias inventadas: as infâncias de Manoel de Barros*. São Paulo, SP: Planeta do Brasil, 2008.

FORMOSINHO, J. O. Pedagogia(s) da infância: reconstruindo uma práxis de participação. In: FORMOSINHO, J. O.; KISHIMOTO, T. M.; PINAZZA, M. A. (orgs.). *Pedagogia(s) da infância: dialogando com o passado, construindo o futuro*. Porto Alegre, RS: Artmed, 2007.

ROTTA, N. T.; OHLWEILER, L.; RIESGO, R. S. (orgs.). *Transtornos da aprendizagem: abordagem neurobiológica e multidisciplinar*. Porto Alegre, RS: Artmed, 2016.

TEIXEIRA, Inês Assunção de Castro e LOPES, José de Sousa Miguel (orgs.). *A escola vai ao cinema*. 2ªed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.